



CORPO DE DELITO

Retrato à la minute

Bastava engolir a cocaína e regressar, esperando que nenhuma bolota rebentasse dentro do corpo e que nenhum polícia lhe apanhasse o olhar aflito



Rui Patrício

Uma cena simples, um momento que se fixa, luzes e sombras, olhares, uma certa forma de colocar as mãos e o corpo, e palavras, há palavras neste retrato – que é também sobre todos nós. A cena que se descreve passa-se num tribunal: trata-se de um julgamento – que parece simples – que antecede aquele em que eu intervirei. Deixo-me ficar na sala de audiências, mero espectador, embora seja eu quem tira o retrato e aqui o mostra, e quem tira o retrato nunca é apenas espectador.

O tema: tráfico de droga. As personagens: juízes, procuradora, advogada, arguido, testemunha, funcionária. O tribunal é moderno, mas pouco arejado e mal iluminado e sem outros aparatos que não o preto das vestes e o ritual do julgamento. Quando o arguido entra, entre dois guardas, tenho uma surpresa e o primeiro esboço de um arrepio: ele parece um miúdo, parece assustado, não sabe para onde olhar, engole em seco e não consegue ter as mãos em paz. Quando narra os seus elementos de identificação, confirmo a surpresa

o arrepio instala-se: realmente é um miúdo, treme-lhe a voz, e não parece ser um tremor estudado. De seguida, e continuando a não saber onde sossegar as mãos e o olhar, ele diz que é tudo verdade, que fez a viagem, que engoliu as bolotas com cocaína, uma a uma, durante horas e até ficar com a garganta rasgada, que as trouxe, dentro do corpo, de S. Paulo para Lisboa, e que depois foi apanhado e metido na prisão, de onde saiu hoje para ser julgado. E fê-lo porquê? – pergunta-se-lhe. Porque lhe prometeram 5000 euros, e ele vivia com a mãe, o padrasto e a irmã; a mãe não tinha emprego, o padrasto perdera o

seu, porque a empresa fechara, as contas continuaram a aparecer, o corpo continuou a exigir comida, a pele roupa e os pés sapatos, o banco continuou a pedir as prestações mês a mês. E ele, que andava por ali, sem muito que fazer, via as coisas a acontecer, mirava as preocupações, pensava na vida e desabafava no café. E havia um tipo que o ouvia com mais atenção e um dia, certamente pensando que as preocupações e as exigências do corpo e do banco já tinham crescido o suficiente, propôs-lhe ganhar 5000 euros. Bastava ir a S. Paulo, fazer um telefonema e marcar um encontro, engolir a cocaína e regressar, esperando que nenhuma bolota rebentasse dentro do corpo e que nenhum polícia lhe apanhasse o olhar aflito. E ele foi. E a mãe e o padrasto (como este confirmou em julgamento, com palavras, e aquela confirmou na assistência, com lágrimas) não disseram nada, não incentivaram nem impediram, não souberam ou não quiseram saber.

E ele foi. E nenhuma bolota rebentou, mas um polícia apanhou-lhe o olhar aflito, e ele agora está ali, falando com embaraço e – suponho que sem querer e até sem o saber – desafiando-nos a todos. E eu limito-me a fixar o retrato à la minute, e cada qual verá nele o que conseguir e o que quiser. A cena é simples, não há muito mais do que isto, a não ser o arrepio que começou em esboço e se foi instalando, até se tornar parte do retrato.

Advogado. Escreve ao sábado

O tema: tráfico de droga. As personagens: juízes, procuradora, advogada, arguido, testemunha, funcionária

Ele diz que é tudo verdade, que fez a viagem, que engoliu as bolotas com cocaína, uma a uma